

Futuro da Ciência em Portugal debatido no Primeiro Simpósio Nacional da ANICT

Com o intuito de debater várias questões de interesse para o futuro da ciência em Portugal, a recém-criada ANICT (Associação Nacional de Investigadores em Ciência e Tecnologia) realizou o primeiro **Simpósio ANICT 2010** a 8 de Maio, na reitoria da Universidade Nova de Lisboa. O evento contou com a presença de cerca de 250 Investigadores e de vários oradores convidados, tendo sido encerrado pelo Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago.

O Simpósio ANICT 2010 teve início com uma breve apresentação da história da formação da ANICT pelo seu presidente, Nuno Cerca, e foi depois dividido em quatro sessões dedicadas aos seguintes temas: i) Políticas de Ciência; ii) Perspectivas de Carreira, Financiamento e Independência; iii) Transferência de Tecnologia e Empreendedorismo; e iv) Comunicação de Ciência.

Na primeira sessão, os oradores convidados foram inquiridos sobre quais as medidas necessárias para que existam em Portugal centros de investigação ao nível dos melhores do mundo, e quais as áreas de conhecimento prioritárias para o investimento. Maria Arménia Carrondo (Vice-Reitora para a Investigação e Desenvolvimento da Universidade Nova de Lisboa) mencionou a importância de uma análise detalhada dos pontos fracos e fortes de cada Universidade, mostrando em detalhe como os diversos rankings analisam aspectos diferentes do que constitui uma Universidade. João Caraça (Director do Serviço de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian) mostrou a forma como o investimento nacional em Ciência tem vindo a crescer, mas com sucessivos altos e baixos que na opinião do orador deveriam ser substituídos por uma política de Ciência mais estável. Mencionou ainda a importância de não enveredarmos por um foco excessivo nas tecnologias e nos começarmos a concentrar mais nas ciências fundamentais. Finalmente, João Sentieiro (Presidente da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT) afirmou que a política da FCT tem sido a de distribuir o financiamento por todas as áreas do conhecimento, e que será necessário fomentar a competitividade para que os centros de investigação Portugueses atinjam patamares de excelência a nível internacional.

No início da segunda sessão, António Firmino da Costa, Professor de Sociologia do ISCTE, apresentou resultados preliminares de um inquérito realizado pela FCT, com a colaboração da ANICT, aos investigadores contratados no âmbito do programa Ciência 2007. No que diz respeito ao tema da sessão, é de assinalar que cerca de 70% dos inquiridos respondeu que não sabe quais as suas perspectivas de carreira para o futuro. No decorrer do debate entre a audiência e os restantes oradores convidados, António Rendas, Reitor da UNL e presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, defendeu a criação nas Universidades



Portuguesas de duas carreiras paralelas (docência e investigação) que se possam cruzar e realçou a importância das Universidades tomarem a responsabilidade pela incorporação de investigadores de elevado mérito. Alexandre Quintanilha, Secretário do Conselho dos Laboratórios Associados e investigador no IBMC, realçou a necessidade de uma avaliação externa rigorosa, de forma a seleccionar os melhores. Quando questionado sobre o melhor modelo, abordou a possibilidade de criação de contratos mais alargados *senior tracks* (10 anos). Maria Carmo-Fonseca, Directora do IMM, apoiou a criação de contratos mais alargados para investigadores numa fase mais avançada da carreira e sugeriu a criação de bolsas competitivas de “Career Advancement”, que poderiam incluir o salário do investigador, mas também uma verba inicial de forma a que este possa liderar o seu próprio grupo de investigação. Paulo Freitas, Director do INESC/INL, referiu que somente uma parte dos investigadores deverá ter a possibilidade de ter contratos mais estáveis, salientando que o INESC já incorporou vários investigadores, nomeadamente aqueles com mais autonomia e maturidade científica.

A terceira sessão teve como convidados quatro representantes de empresas com uma forte componente de inovação – Maria João Teixeira de Queiroz (Eurotrials), António Câmara (YDreams), José Luis Moreira (Biotecnol) e Nuno Matos (Renova) – e incidiu sobre as estratégias de relacionamento entre as empresas e os centros de investigação. Foram discutidas questões relativas à fronteira entre investigação fundamental e investigação aplicada, às estratégias para a comercialização das descobertas científicas, e ao papel das empresas na sustentabilidade da ciência em Portugal, tendo sido ainda sugeridas algumas medidas para tornar mais eficientes as colaborações entre cientistas e empresários, assim como a constituição de empresas de base tecnológica pelos próprios cientistas.

A quarta sessão do simpósio teve como oradores convidados Ana Godinho, do Instituto Gulbenkian de Ciência, Ana Simões, da Universidade de Lisboa, Joana Barros, da Associação Viver a Ciência, e Carlos Fiolhais, da Universidade de Coimbra, que responderam a questões sobre a importância da comunicação da ciência e as estratégias de disseminação. Apesar dos diferentes pontos de vista e experiências, o consenso entre os oradores foi geral – a comunicação de ciência deve fazer parte das tarefas de um investigador, sendo benéfico quer para o próprio, quer para a sociedade. Deve haver uma interacção mútua, sem imposição das ideias dos investigadores, mas sim dando atenção aos interesses do público e ao nível de conhecimento dos diferentes intervenientes.

Na sessão de encerramento do simpósio, o Ministro Mariano Gago realçou a importância de um contacto estreito entre a comunidade científica e a sociedade, sendo que só deste modo se poderá manter o apoio popular ao investimento em ciência. No seu discurso, mencionou ainda a necessidade de uma cultura de avaliação e o facto da incerteza profissional ser um facto intrínseco de uma carreira científica.